

HÉLIO OITICICA PARA ALÉM DOS MITOS

SEMINÁRIO INTERNACIONAL

Organizadores

Barbara Szaniecki

Giuseppe Cocco

Izabela Pucu [em colaboração]

SESSÃO 4

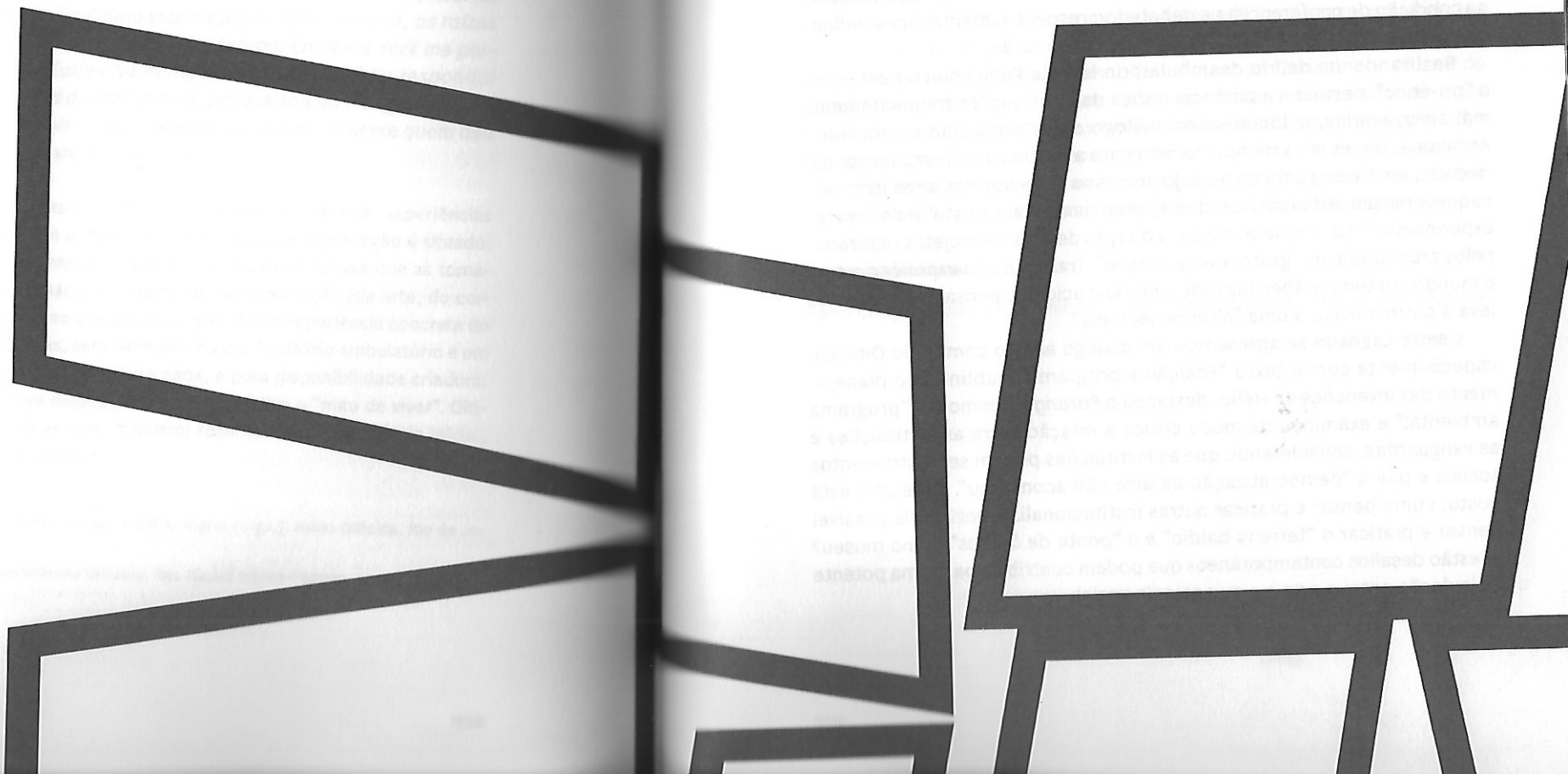
Museu é o mundo. O mito da instituição

Museu é o mundo. O mito da instituição

Mário Chagas

A sugestão de alta potência poética expressa na sentença “museu é o mundo” nos permite, em sintonia com a experiência circense, dar uma cambalhota e compreender que “mundo é o museu”. Dois substantivos separados por um verbo e um artigo constituem a base dessa expressão poética que pode nos levar, a partir de uma alteração no tempo verbal, a acionar o lúdico e dizer “museu foi o mundo”, “museu seria o mundo”, “museu será o mundo” e assim por diante. E tudo isso continua em diálogo com as posições e proposições de Hélio Oiticica.

Admitindo que “museu é o mundo” e que “mundo é o museu” é possível compreender que mundo e museu estão conectados à experiência cotidiana, à arte “in mundo”, à museologia e ao museu “in mundo”. Nessa perspectiva, ou melhor, nessa dimensão, o esgarçamento das fronteiras entre arte e vida é radical.



A compreensão poética e também política de que “museu é o mundo” e de que “mundo é o museu” nos coloca frente a frente com a possibilidade de vivenciar o museu processo, o museu como espaço de encontro e convivência, como espaço social de celebração da potência da vida, do encantamento, da terapêutica social, da criação, da transformação e da luta. Um museu como pretexto, como meio, como corpo de luta, como máquina de guerra, é disso que estamos falando. Uma museologia “in mundo”, impura, indisciplinada, uma museologia social, uma museologia do afeto que não tem medo de afetar e ser afetada, que não teme o amor e a amizade, é disso que estamos falando.

O mito da instituição nos leva a meditar sobre as institucionalizações possíveis. Nem todas as iniciativas museais querem se institucionalizar, muitas querem permanecer como processos, como movimentos, como dinâmicas e irradiações potentes. Cada experiência museal precisa ser considerada em sua singularidade “in mundo”.

Neste bloco temático contamos com a participação de Izabela Pucu, Lisette Lagnado, Luiz Guilherme Vergara e Max Jorge Hinderer Cruz, em uma mesa-redonda, ocorrida na manhã do dia 7 de julho de 2016, e, também, com a presença de Jesús María Carrillo Castillo e Giuseppe Cocco, na condição de conferencista e debatedor, respectivamente, em atividade que se desenvolveu no mesmo dia, no turno da tarde.

Realizando um delírio deambulatório Izabela Pucu colocou em pauta o “po-ético”, destacou a potência crítica das instituições frequentemente mal aproveitadas, colocou-se em diálogo com Carlos Zilio e com Mário Pedrosa e, por esse caminho, chamou para a conversa o Museu da Solidariedade, em Santiago do Chile, cujo processo se iniciou nos anos 1970. Ali, naquele museu, estavam inscritas a potência do “museu ato” e do “museu experimental”. Lá, naquele museu, a doação de obras e projetos realizados pelos artistas era um “gesto revolucionário”. Trazer aquela experiência para o mundo contemporâneo faz todo sentido e aciona o pensamento que nos leva a outro museu, a uma “altermuseologia”.

Lisette Lagnado se apresentou em diálogo aberto com Hélio Oiticica, especialmente com o texto “Posição e programa”, sublinhou o planejamento das invenções de Hélio, destacou o *Parangolé* como um “programa ambiental” e examinou de modo crítico a relação entre as instituições e as vanguardas, considerando que as instituições podem ser instrumentos sociais e que a “democratização da arte não aconteceu”. O desafio está posto: como pensar e praticar outras institucionalizações? Seria possível pensar e praticar o “terreno baldio” e o “ponto de ônibus” como museu? Aí estão desafios contemporâneos que podem contribuir para uma potente articulação entre a arte e a museologia social.

Luiz Guilherme Vergara trouxe para a cena a mesa-redonda de Santiago do Chile, de 1972, marco da museologia contemporânea, e colocou em movimento a sua própria trajetória de vida e o diálogo que ao longo do tempo vem realizando entre a museologia e a arte, uma conversa entre a arte e a vida, uma conversa ancorada na educação e que parte do princípio de que tanto a arte, quanto a museologia social estão experimentando formas de habitar o mundo, de ser “in mundo”.

Max Jorge Hinderer Cruz construiu a sua intervenção em três blocos. De modo franco examinou a construção do mito, sublinhou de modo crítico a narrativa construída sobre Hélio Oiticica como “pacificador” e “homem branco”. Problematicou o discurso de um “exílio voluntário” e colocou em movimento questões contemporâneas sobre as relações entre o macro e o micro, especialmente no que se refere à política.

Jesús María Carrillo Castillo e Giuseppe Cocco produziram um debate singular e estimulante. Merece registro especial a participação do público que o tempo todo chamou para si o protagonismo do debate e colocou em movimento questões sobre arte, educação, racismo, feminismo e homofobia. Esse debate franco, aberto e sem hierarquizações permitiu que entrassem em cena, entre outras, as experiências do Museu das Remoções (na comunidade da Vila Autódromo), do Museu de Favela (nas comunidades do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo), do Museu da Maré (na comunidade da Maré), do Museu Vivo de São Bento (em Duque de Caxias) e do Museu do Samba (na comunidade da Mangueira). As críticas e os questionamentos de duas mulheres negras (uma artista e uma arte educadora) contribuíram para que os participantes se reposicionassem fisicamente, emocionalmente e mentalmente no espaço e no mundo (“in mundo”). Oxalá a leitura que aqui se oferece seja tão estimulante, quanto foi o acontecimento!

Mário Chagas Professor da Unirio e coordenador técnico do Museu da República.